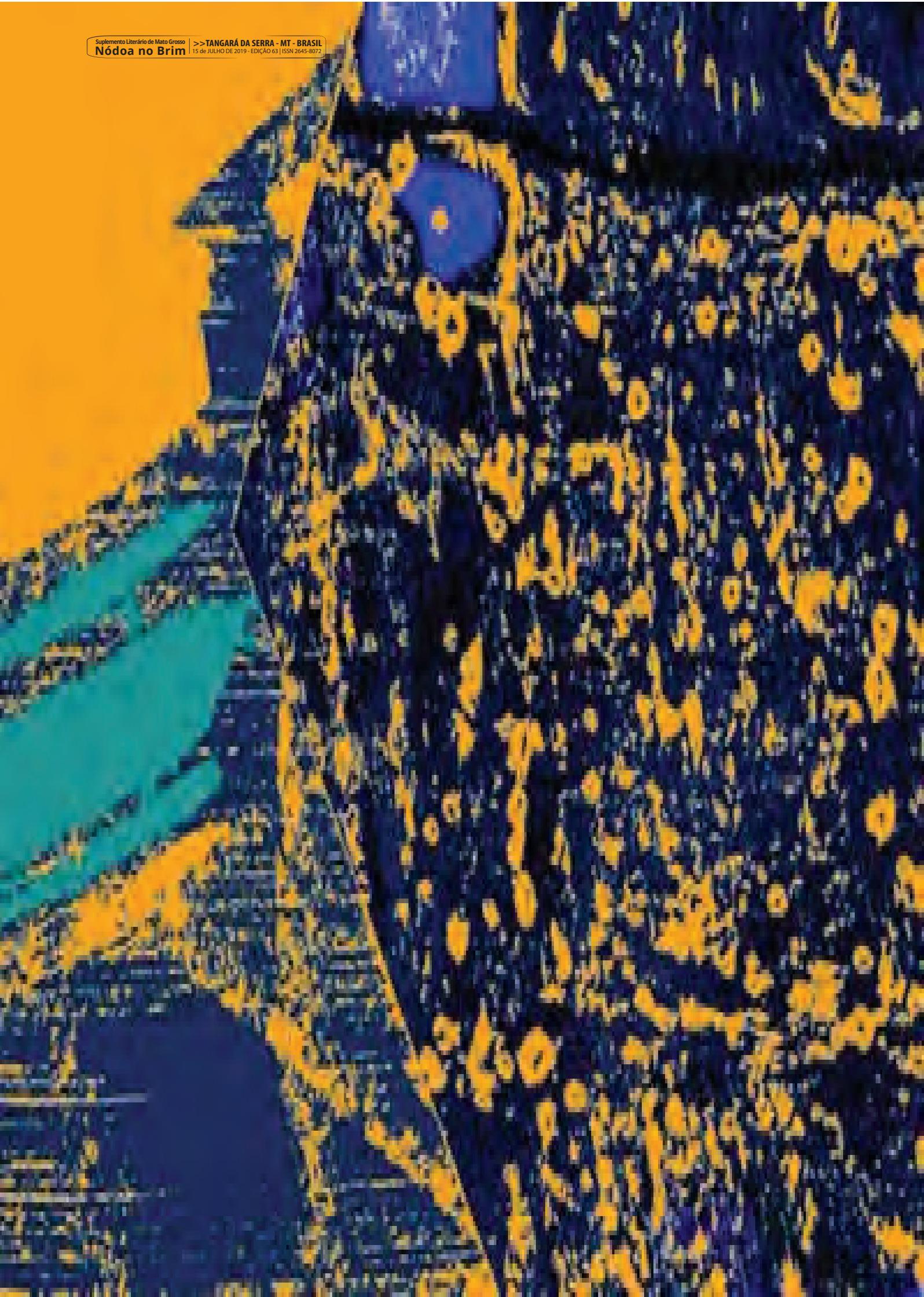


Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim





04

Cantilena – O verão Tardio
LUIZ RUFFATO

06

Ensaio - Literatura, futebol e política:
espaços de disputa
ADILSON VAGNER DE OLIVEIRA

10

Entrevista: O Nódoa no Brim e o bate-papo com
Luiz Ruffato, em Tangará da Serra, Mato Grosso
DANIELE CRISTINA DA SILVA

15

Girata - Estive em Lisboa e lembrei de você
DANIELE CRISTINA DA SILVA

18

Livro de Cabeceira: Minha Primeira Vez,
Luiz Ruffato
DANIELE CRISTINA DA SILVA

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO



Daniele Cristina da Silva
é professora do Instituto Federal de Mato Grosso,
campus de Tangará da Serra. E doutoranda pelo
PPGEL/UNEMAT



Adilson Vagner de Oliveira
é Professor Dr. do Instituto Federal de Mato Grosso,
campus de Tangará da Serra.

EXPEDIENTE

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MATO GROSSO: NÓDOA NO BRIM é um jornal criado em 2012, como projeto de extensão, pelo Núcleo de pesquisa Wladimir Dias-Pino, Universidade do Estado de Mato Grosso, sob a direção de Walnice Vilalva. Nasceu como suplemento cultural impresso pelo Diário de Tangará da Serra, Mato Grosso. Atualmente, continua como projeto de extensão da **UNEMAT** (portaria: 3676/2018), sob a direção de Walnice Vilalva, assumindo uma versão exclusivamente digital.

Abordamos assuntos relacionados à Literatura e a questões do contemporâneo. Nossa periodicidade é mensal e a circulação é nacional.

CONTATO

Por email: wdiaspino@gmail.com

**Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino**
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

"Os pés arrastam-me através de um imenso deserto. O amarelo da areia, o amarelo do sol, a vista turva, sinto sede, no horizonte, dunas após dunas, o céu sem nenhuma nuvem. Então, percebo, no fundo de uma depressão, algo como uma poça azul. Sem forças, deixo-me rolar pirambeira abaixo. Debruço na água e quando levo a mão para molhar os lábios a poça torna-se areia movediça e traga meu corpo magro e seco. Tento gritar, mas a voz permanece aprisionada. Busco agarrar à borda, sem sucesso. Pouco a pouco, afundo. Num último esforço, ergo os braços, e ouço, ao longe, ruídos. Em desespero, procuro manter a cabeça à tona, e agora, mais perto distingo, "Senhor, Senhor!", alguém me chacoalha. Transpirando, arregalo os olhos e por trás das lentes vejo o rosto assustado de um rapaz de uniforme, ranço de cigarro, "Como o senhor está?". E, dirigindo-se a alguém, logo atrás dele, "Está voltando pelo menos". Encontro-me sentado na poltrona de um ônibus. Lá fora, a minúscula rodoviária de Cataguases, a mesma da minha infância. Pessoas abraçam-se na plataforma, passarinhos chilreiam as árvores, da televisão escorrem notícias, o cheiro de óleo diesel se mistura à morrinha do ar condicionado. miro o rapaz de uniforme. "Não foi nada, estou bem, obrigado", e esforço para levantar. "quer uma ajuda?", ele pergunta. "Não, não precisa," respondo, "estou bem". Num empuxo, consigo me por de pé, e, amparando-me esquadrinho o bagageiro, percebo a mochila em suas mãos. Ele cede a passagem. As pernas titubeiam no corredor estreito, alcanço a escada e desço com dificuldade, defrontando uma pequena aglomeração que espia curiosa. (...)"

Fragmento do romance *O verão tardio*, Luiz Ruffato.

"Um viralata fareja o ar esfomeado"

LITERATURA, FUTEBOL E POLÍTICA: ESPAÇOS DE DISPUTA

ADILSON VAGNER DE OLIVEIRA

“Papai vivia bêbado. Talentoso, não conseguia se manter em nenhum serviço. Não nasci pra empregado, resmungava, indignado” (Ruffato, 2018, p. 25).

As palavras suaves de um dos inúmeros personagens de Luiz Ruffato revelam uma literatura vívida e extremamente dialógica com a realidade brasileira. Em “A cidade dorme” (2018), os dilemas comuns às sociedades pobres, as relações de trabalho, os conflitos cotidianos do trabalhador e o desencanto com a vida de muita exploração compõem conjuntos de narrativas curtas que retratam um país desigual economicamente e contraditório culturalmente. No conto “A promessa”, materializa-se uma configuração ficcional de personagens relativamente recorrente nos trabalhos do autor, na qual a pobreza diária parece corroer as relações humanas, os casamentos, os laços familiares e os projetos conjuntos de felicidade. Trata-se de uma condição ficcional que traz as personagens de Ruffato para um diálogo áspero com o universo social e político brasileiro.

O trabalho ficcional do autor torna-se marcado pela exploração e a pobreza que criam juntos um cenário triste de desolação quanto ao próprio futuro do país. É nesse cenário que surgem as constantes referências ao futebol, associadas sempre às condições de emprego degradante ou mesmo ao desemprego. Nessa perspectiva, a questão do futebol se insere no próprio projeto literário do escritor, no momento em que quanto maior a pobreza e a exploração do trabalho, maiores são as tentativas de ver no esporte um analgésico para o sofrimento do cotidiano. Viver

torna-se menos doloroso quando, embevecidos pela esperança da vitória futura, as personagens se entregam integralmente às flutuações e incertezas do esporte. “Cinira, veja o que eu trouxe pras meninas. E desembulhou sobre a mesa, orgulhoso, quatro uniformes completos do seu time: camisa, calção, meias” (Ruffato, 2018, p.26). Diante da esposa, cansada do trabalho contínuo e esgotante de costureira, o pai de família, “por não ter ocupação certa”, demonstra como gastou o pouco dinheiro que obtivera no momento com roupas de torcedor, para que pudessem assistir pessoalmente aos jogos do dia seguinte.

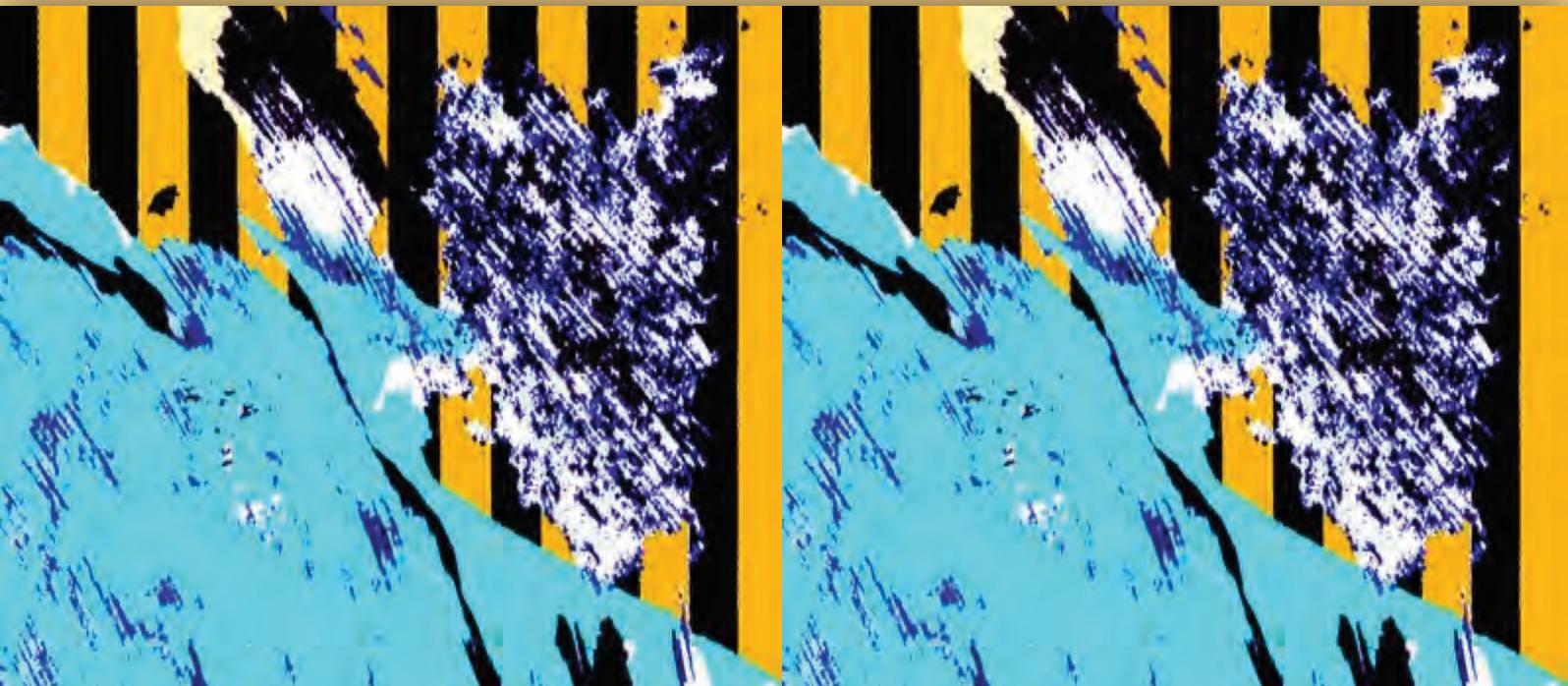
A história social do Brasil foi caracterizada pelo apelo cultural ao futebol, como maior símbolo nacional de patriotismo e alegria. As personagens de Ruffato falam aos brasileiros, os questionam sobre as condições financeiras, os projetos de vida e planos futuros para a família e, nesse entre meio de desalentos, o futebol parece ser o último recurso de ocupar o pensamento com outras atividades, ainda que os principais questionamentos sobre as razões para que as personagens se encontrem em tal condição deixem de ser feitos. O anestesiá-lo da realidade cruel do cotidiano significa afundar-se em questões futebolísticas que os distanciam ao máximo do desemprego ou da exploração do trabalho, como um subterfúgio para o mundo desencantado.

As referências ao universo do futebol

retiram das personagens as perguntas sobre educação, economia e política. A necessidade de se apoiar no esporte para esquecer ou suplantar o sofrimento familiar faz com que a incompreensão sobre a própria condição social permaneça. O futebol ocupa os espaços vazios na vida das personagens de Ruffato. Dessa forma, os questionamentos sobre os assuntos econômicos, políticos e sociais dos brasileiros tendem a ser substituídos pelo futebol, como símbolo de pensamento nacional e ferramenta de aceitação à pobreza, e assim, quanto mais tempo ocupado por pensamentos sobre o esporte, menos

reflexões sobre a política e a economia do país, por isso, a dinâmica inversamente proporcional do capital cultural do brasileiro pode demonstrar pontos cruciais da escrita de Ruffato.

O conto "A promessa" funciona como uma amostra do universo ficcional do escritor mineiro, no qual o patriarca pode provocar a desgraça das relações pessoais, no momento em que não atende às expectativas familiares e profissionais. Desse modo, o mundo do capital financeiro tende a ser catalisador de ideais de vida e de trabalho que precisam ser alcançados para se buscar qualquer forma de reco-



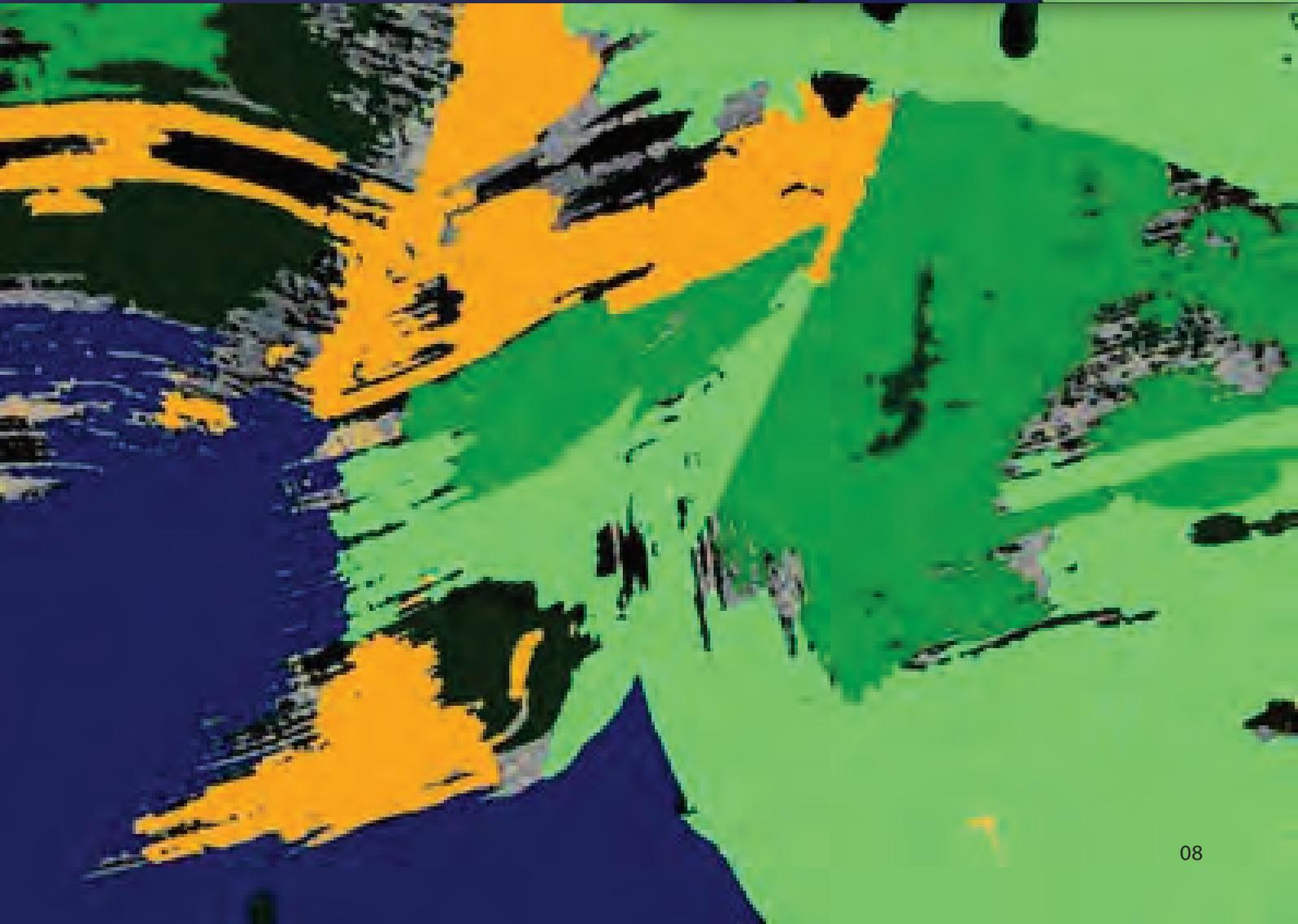
nhecimento e valorização social. Portanto, esse modelo de sociedade moderna, observado também na escrita literária contemporânea, revela as assimetrias profundas do Brasil atual.

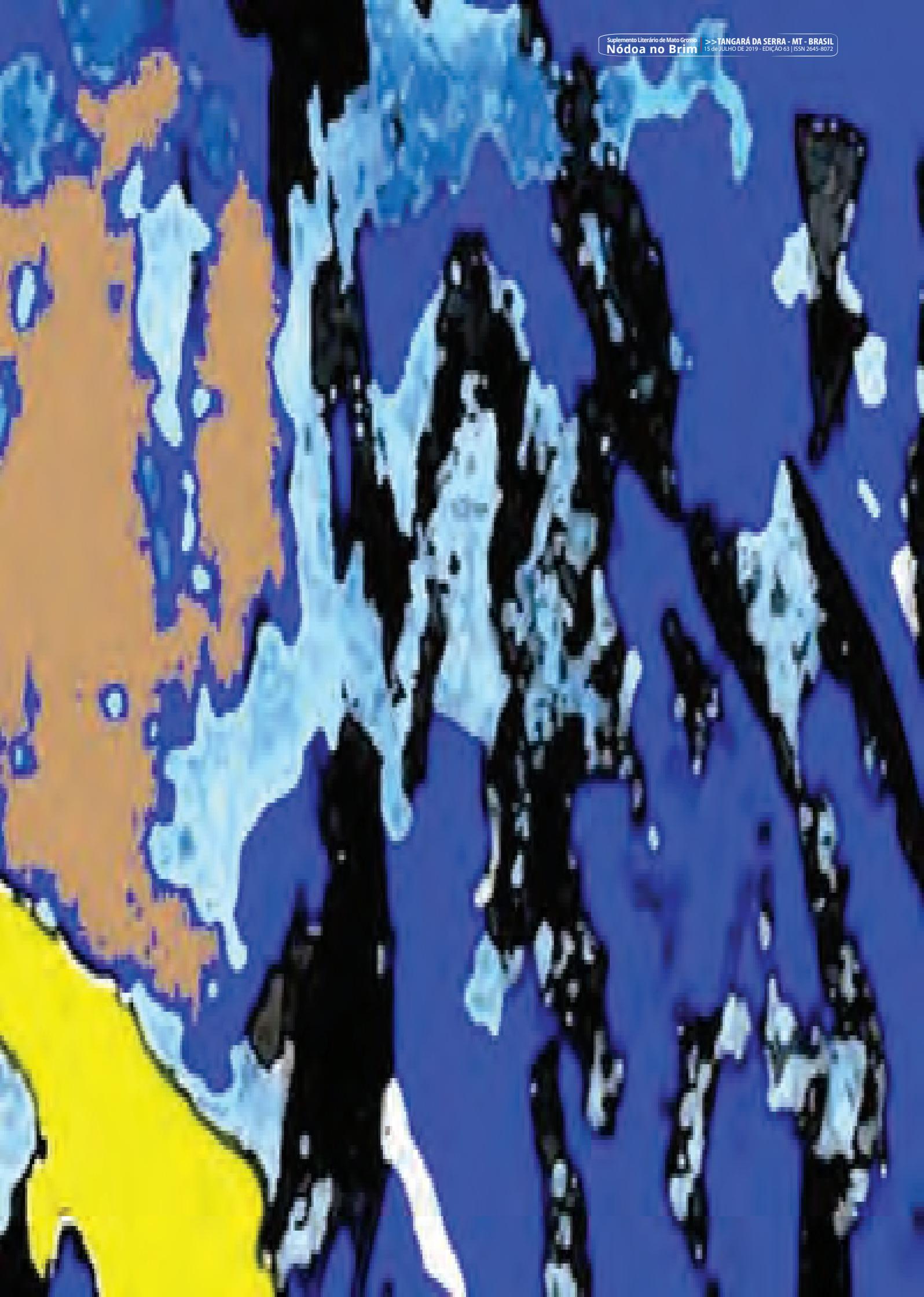
Se há mudanças em trânsito na dinâmica social dos brasileiros, a literatura de Luiz Ruffato servirá como um instrumento de compreensão do Brasil do século XXI. A transição de uma sociedade que sempre pensou o futebol, como principal recurso de conforto para enfrentar os desafios das difíceis relações de trabalho e da vida familiar, para um ideal de pessoas que sejam capazes de refletir a sua própria

condição humana e os efeitos dos fenômenos políticos e econômicos sobre a vida individual, torna-se um projeto ético e estético que a literatura contemporânea captura. Trata-se de uma profunda transformação da sociedade brasileira apreendida pelos procedimentos criativos da ficção. Pensar essa personagem que mesmo desempregada gasta seu escasso recurso com uniformes de futebol para que a família possa assistir a uma partida no estádio, significa trazer para o centro de discussão coletiva os elementos que ainda marcam a sociedade brasileira, ou seja, cultura e política fazem parte de um

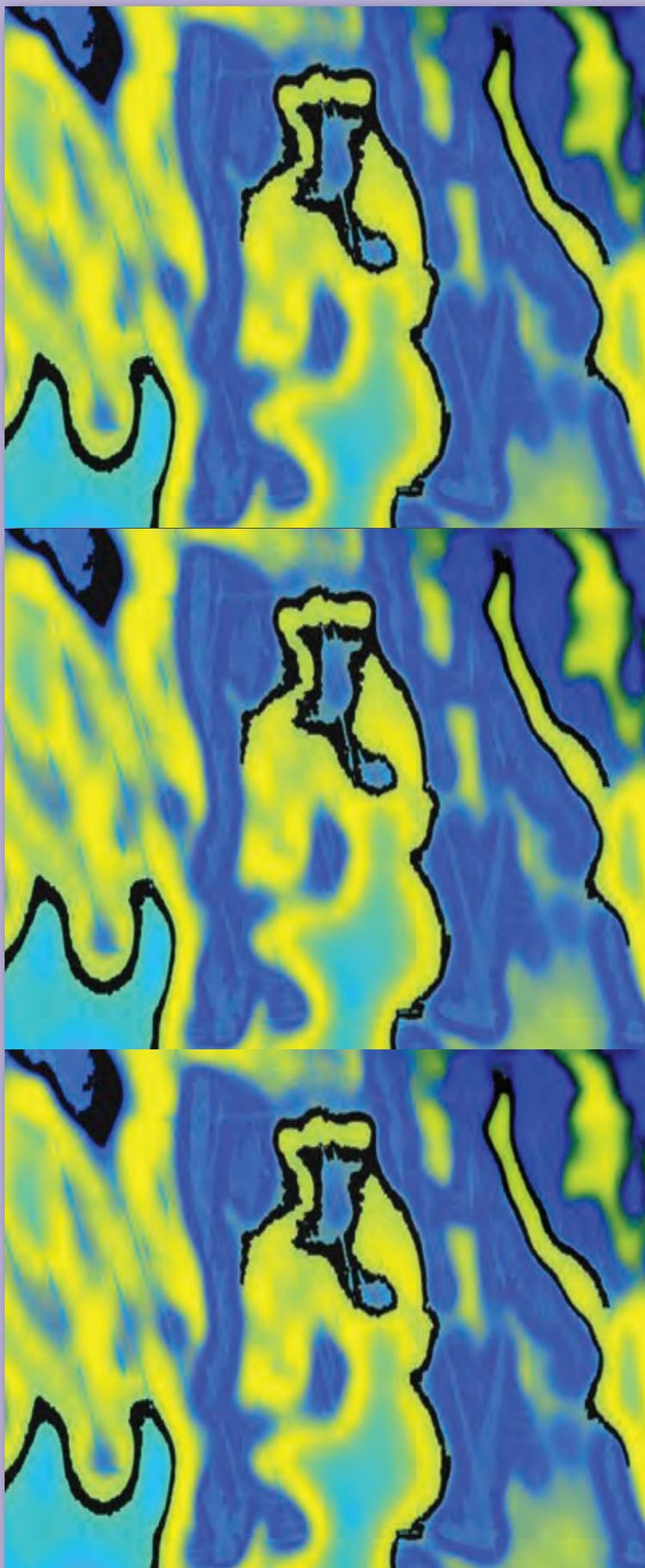
mesmo complexo fenômeno social que se desdobra também em elementos ficcionais, recursos poéticos, personagens e espaços, cuja vida converte-se em um ambiente de solidariedade artística e interdiscursividade.

Portanto, ler as narrativas de Luiz Ruffato pode permitir o acesso dos brasileiros às suas próprias incompreensões, enquanto trabalhador pobre num país rico em recursos e possibilidades de desenvolvimento. Além de ajudar a perceber como os fenômenos culturais e políticos se condensam em nossa sociedade, a fim de promover reflexões sobre o momento atual e os desdobramentos possíveis das escolhas feitas agora. O futuro do país só pode ser conhecido se existir uma compreensão real do que somos, enquanto país em desenvolvimento e, principalmente, do que queremos para a sociedade brasileira nos próximos anos.





O Nódoa no Brim e o bate-papo com Luiz Ruffato



Os encontros entre escritores de literatura brasileira contemporânea e público leitor têm sido uma das finalidades do projeto Palavras em Trânsito, vinculado à UNEMAT de Tangará da Serra. Na última edição, que contou com a parceria do IFMT, Palavras em Trânsito promoveu a vinda a Tangará da Serra de um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea, Luiz Ruffato. O bate-papo com o escritor foi realizado no dia 11 de junho de 2019, no auditório do Centro Cultural Pedro Alberto Tayano Filho. Esbanjando simpatia, o escritor Luiz Ruffato falou um pouco sobre sua história com a literatura e o processo criativo de suas obras.

Daniele Cristina da Silva, doutoranda pelo PPGEL e professora do IFMT, conduziu e transcreveu o bate-papo com Luiz Ruffato.

D. C: Sobre os primeiros contatos com os livros e o gosto pela leitura.

Luiz Ruffato: [...] Eu acho interessante falar um pouco a respeito da minha trajetória porque eu creio que um monte de gente, provavelmente, vai se identificar com a minha história. [...] A minha mãe era analfabeta, lavadeira de roupas. Meu pai, semianalfabeto, era pipoqueiro. Eu, com seis anos de idade, ajudava meu pai a vender pipoca e estudava em escolas muito ruins. Muita gente diz: "Ah, o ensino público hoje é péssimo". O que não deixa de ser verdade; ou "Antigamente o ensino era maravilhoso", também não deixa de ser verdade. Mas, vejam bem, esse ensino maravilhoso de antigamente era para quem? A maioria da população sequer tinha acesso a esse ensino maravilhoso. Eu, sinceramente, prefiro esse ensino 'pior' de hoje, mas que todo mundo tem acesso, do que aquele ensino 'maravilhoso' de ontem que só meia dúzia de pessoas tinha acesso. Bom, o meu caso não era esse. [...] Um dia, ajudando meu pai a vender pipoca no final de semana, saiu um senhor da missa que comprou um pacote de pipoca e ao pagar para mim, pergun-

tou: "Você estuda?" Eu disse que sim. Perguntou onde e eu lhe disse o nome do colégio. Então, ele fez o seguinte comentário: "Nossa! Que colégio ruim! Por que você não estuda no Colégio Cataguases?". Este era um colégio muito bom da cidade. Meu pai entrando na conversa falou: "Todo ano eu vou lá para arrumar uma vaga e não consigo". O senhor, que se apresentou como diretor do colégio, garantiu que arrumaria uma vaga para mim no próximo ano. Talvez tenha dito da boca para fora, mas meu pai se apegou na palavra e no ano seguinte estava lá lhe exigindo a vaga.

Então, eu tive que parar de trabalhar para estudar, a sétima série, pela manhã nesse colégio. Vocês sabem que as crianças são muito cruéis e logo perceberam que eu era um menino pobre. Porque era evidente que eu era pobre. E a partir daí passaram a me infernizar a vida. Na época não existia esse termo, mas era o bullying. Eu, muito tímido, passei, nos intervalos das aulas, a procurar um lugar em que pudesse ficar invisível. E achei. Um lugar onde nunca entrava ninguém, escuro, silencioso. A biblioteca.

A bibliotecária, que na verdade era uma professora que estava como bibliotecária. - Ainda hoje acontece de funcionários, por alguma razão, serem desviados de suas funções e realocados na biblioteca da

escola. -Essa professora, que estava como bibliotecária, achando que eu queria ler um livro, pegou um e disse: "Menino pegue esse livro aqui, leia e devolva em três dias". Quando eu cheguei em casa, meu pai perguntou: "Menino, o que é isso aí?". Eu falei: "É um livro". Ele questionou o porquê que eu havia levado aquele livro para casa. Eu lhe disse: "A mulher mandou que eu trouxesse e lesse". Meu pai ordenou: "Então leia e devolva porque não quero nada dos outros aqui dentro de casa". Eu fui para meu quarto e li. Ao devolver o livro, a mulher perguntou: "Você leu esse livro menino?". Eu disse: "Sim senhora". Ela me fez falar sobre o que tratava e eu falei. Então, me passou outro livro e disse: "Toma esse agora, leia e devolva em três dias". Eu, tímido, coloquei o livro na bolsa e sai. Cheguei em casa, coloquei o livro sobre a mesa e meu pai perguntou: "Não devolveu o livro menino?". Eu disse: "- Devolvi, sim senhor. Esse é outro. [...]". Aquele ano foi um inferno na minha vida! (risos). Então, eu comecei a achar que aquilo ali era interessante. Evidentemente que na época eu não tinha consciência do porquê que eu gostava, mas eu comecei a gostar. Hoje eu sei, hoje eu entendo [...].

D. C: Por que a leitura tem valor?

Luiz Ruffato: Eu vou explicar... Veja bem... Eu era uma criança lá do interior de Minas

Gerais, [...] não tinha ideia sequer de que eu era uma pessoa. [...] O que eu via à minha volta? Os homens trabalhavam nas fábricas de tecido, ganhavam um salário mínimo, não tinham nenhuma perspectiva de vida, [...] E qual que era o papel traçado pra mim? O de ser igual. Trabalhar numa fábrica, ser infeliz, tomar cachaça, talvez bater na mulher... Ou seja, esse era o futuro que estava destinado para mim. Quando eu comecei a ler os livros, o que eu descobri? Que existiam outras possibilidades. Os livros me mostraram que existiam outras pessoas diferentes de mim, que falavam outras línguas, que comiam outras comidas, umas mais infelizes outras mais felizes. Então, a leitura me deu uma coisa chamada empatia. Eu comecei a me colocar no lugar do outro lendo literatura. E isso me despertou para o mundo.

D. C: Sobre a decisão de ser escritor

Luiz Ruffato: Quando eu estava na faculdade, eu fiz Comunicação Social na Faculdade Federal de Juiz de Fora, lendo literatura eu percebi que não havia ali as pessoas que eu conhecia. Então, eu pensei em escrever sobre essas pessoas. Foi uma decisão política. Eu disse: Quero escrever sobre isso! Só que demorei, e muito. Foram muitos anos para que eu realmente come-

çasse a escrever. Porque eu sabia o que escrever, mas não sabia como escrever. E esse “como” escrever é mais importante ainda do que saber “o que” escrever. Eu demorei muitos anos para isso. O meu primeiro livro que eu considero como marco inicial da minha carreira foi lançado em 2001, *Eles eram muitos cavalos*. Daí pra frente, enfim, eu fiz uma carreira.

D. C: Por que a maioria dos personagens dos seus livros é constituída por trabalhadores?

Luiz Ruffato: Eu percebi que a literatura brasileira não trata, no cenário urbano, sobre o trabalhador. Nos romances brasileiros não têm a classe média baixa. Ela é a maior parte da população brasileira, mas é esquecida. E não só pela sociedade, mas também pela arte, pelo cinema, pela literatura. Então, eu decidi: Já que ninguém escreve sobre isso eu vou escrever.

D. C: Você está realizado com sua carreira de escritor?

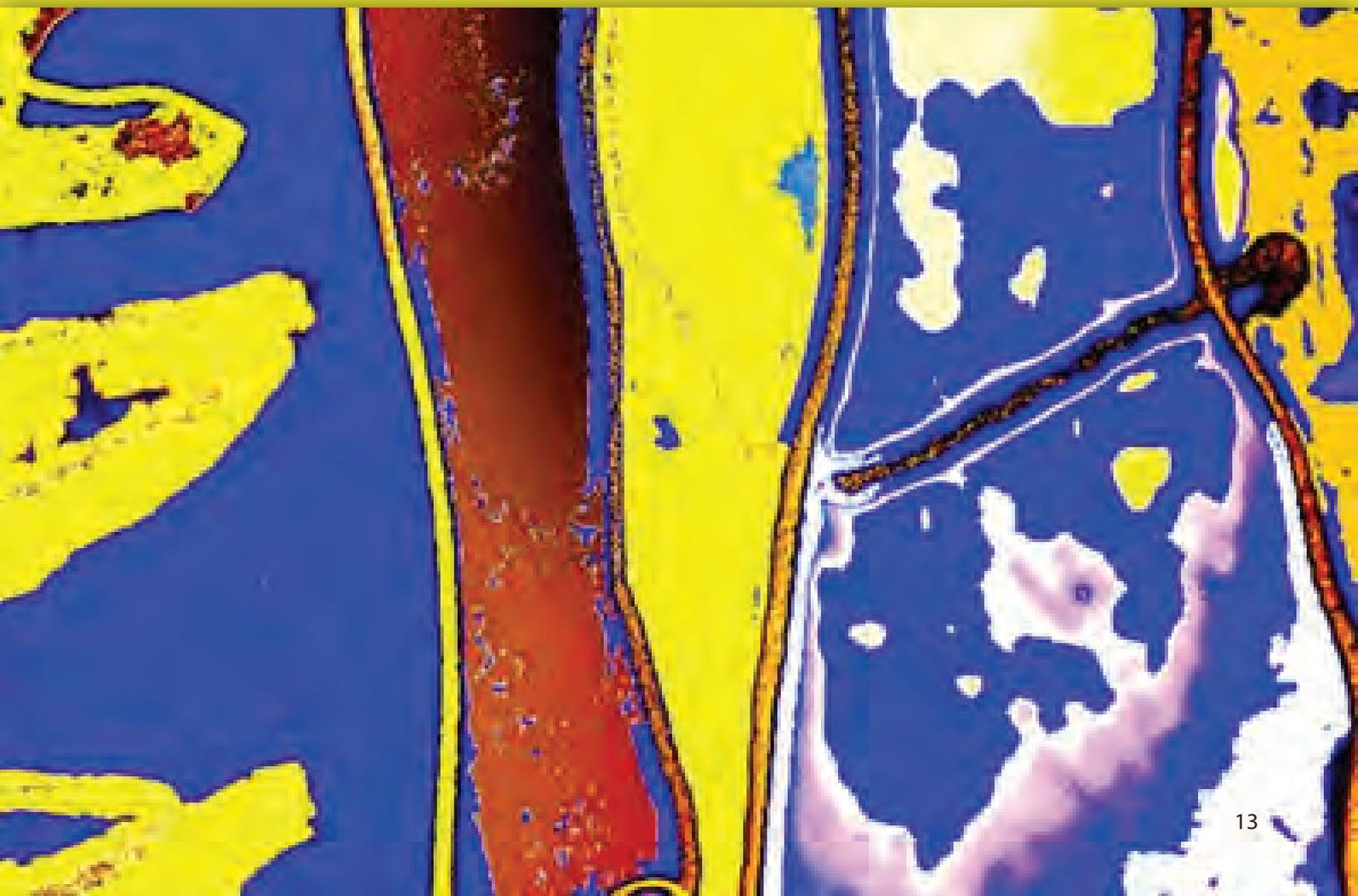
Luiz Ruffato: Eu acho que sim! Eu estou aqui, né?! (risos). Eu não acho. Eu tenho certeza. Eu cheguei muito mais longe do que eu mereço. Se eu tivesse chegado à metade de onde eu cheguei, já saberia que havia chegado a um lugar muito

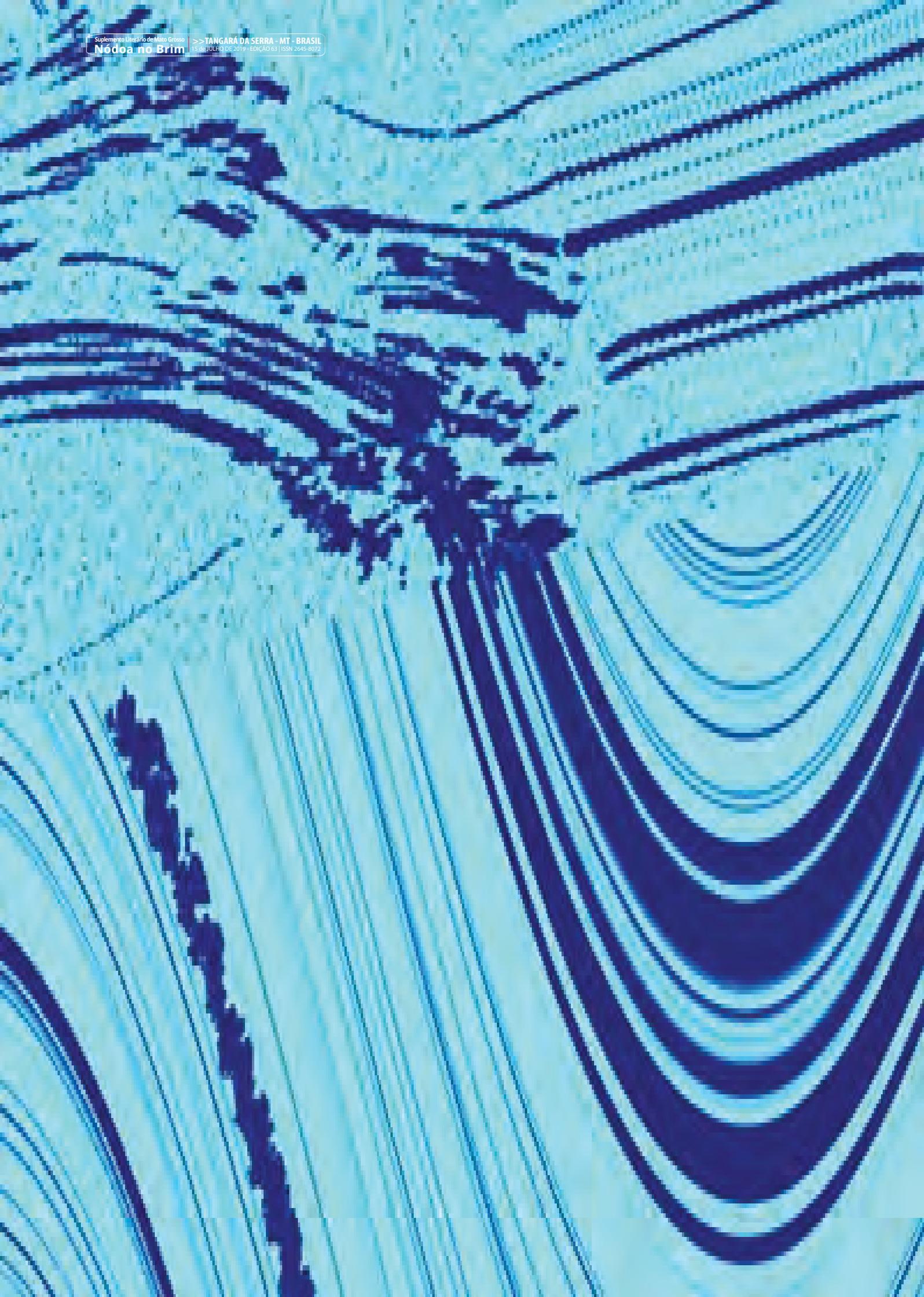
melhor...

D.C: *Fale-nos um pouco sobre o seu último romance, "O Verão Tardio":*

Luiz Ruffato: Então, é curioso porque eu o escrevi ao longo de 2017 e 2018. Terminei o romance em setembro do ano passado. Quando o livro foi publicado o Bolsonaro havia ganhado as eleições e as pessoas começaram a ler o livro como uma discussão a respeito do que aconteceu. Eu fiquei curioso porque ele não foi escrito sobre isso. Mas, é verdade, trata disso também. Sem que eu tivesse a intensão. Na verdade o livro é sobre o momento de incomunicabilidade que estamos vivendo. O Oséias, que protagoniza o livro, volta para a cidade dele para tentar encontrar o seu passado. Mas, o passado não existe. A questão é: Quando não discutimos, não fazemos uma reflexão sobre o passado, não conseguimos viver o presente e tampouco fazer projeções futuras. Para mim, o que nós vivemos hoje no Brasil é exatamente essa situação. Quando alguém vem propor a revisão da história dizendo que

não houve ditadura no Brasil, por exemplo, isso é grave. Não só por falar que não houve ditadura. É claro que houve ditadura no Brasil. Isso é grave porque as pessoas deixam de enfrentar essa questão. E deixar de enfrentá-la implica em não conseguir sequer projetar nada para o futuro. Hoje, se você perguntar para a maioria das pessoas como elas se veem daqui a quatro anos, eu duvido que alguém lhe diga que daqui a quatro anos vai estar assim ou assando. Ninguém, hoje, consegue dizer como vai estar daqui a quatro anos. E sabem por quê? Porque nós não pensamos corretamente sobre o nosso passado. Como é o caso do Oséias que retorna para Cataguases e encontra não o passado, mas o presente. E um presente que é muito sufocante. Um presente de falta de diálogo. Um presente de solidão. Um presente de incomunicabilidade. Um presente de violência.







ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ

Daniele Cristina da Silva

O filme, dirigido por José Barahona, trata-se de uma adaptação do romance homônimo de autoria de Luiz Ruffato, publicado em 2009 pela editora Companhia das Letras. A história é a de Serginho, um mineiro de Cataguases que, após uma série de decepções na vida pessoal e profissional, decide ir para fora do Brasil. O destino, Lisboa, é determinado pelo velho português e proprietário do bar onde Serginho bebia com os amigos. Na capital portuguesa o personagem sente as agruras de um imigrante e o sonho de trabalhar duro para juntar dinheiro e retornar o quanto antes para o Brasil é adiado a cada novo percalço.

Em entrevista à Rádio France Internationale (RFI Brasil) o diretor cinematográfico, José Barahona, diz que o interesse pela adaptação da obra de Luiz Ruffato surgiu a partir de certa identificação pessoal com a história de Serginho. Nascido na capital portuguesa, Barahona mudou-se para o Brasil em virtude da crise econômica na Europa, quando, então, conheceu o romance de Luiz Ruffato e viu-se fazendo o caminho inverso de Serginho.

Dois aspectos são recorrentes quando se trata de adaptação cinematográfica de uma obra literária, são eles: o que há de comum e o que há de diferente entre o romance e filme. Normalmente a produção fílmica é julgada como incapaz de abarcar toda a riqueza da obra literária. Todavia, o público não pode se esquecer de que, nesse caso, o filme é uma releitura da obra. O roteirista retira do romance o que seria essencial sob o seu ponto de vista. O próprio Barahona, na entrevista supracitada, diz ter escrito o roteiro do filme com o “livro aberto” ao lado do computador, mas que em certo momento “o roteiro tomou formar” e foi se transformando nos ensaios e nas filmagens.

Inspiração para o filme, a obra está contida nele. Todavia, não é a obra de Luiz Ruffato que o público deve buscar no filme, pois, certamente não a encontrará em sua essência. Ele é uma reformulação, portanto, em relação à obra, constatam-se seleções, cortes, ênfases em determinados aspectos. Isso fica claro em relação ao tempo. Tomemos como exemplo a passagem romanesca em que Serginho narra o episódio de surto de sua mulher: “[...] não fosse Noemi ser pega pelada em frente à Prefeitura, em plena tarde de sol quente, e aquilo tresandava em tragédia. Internaram ela em uma clínica de repouso em Leopoldina, [...]” (RUFFATO, 2009, p. 25). Na narrativa fílmica, a cena, além de ser transposta para o período noturno, merece maior amplitude temporal do que parece ter no romance. Além disso, nota-se certa valorização da sensualidade da personagem, enquanto que no romance são seus transtornos psíquicos que estão em jogo.

De maneira geral, a primeira parte da história de Serginho, que se passa em Cataguases, sofre certo encolhimento no filme. Aproximadamente 32min. são suficientes para representar essa etapa da vida do protagonista. Em contrapartida, a segunda parte que transcorre em Lisboa depende quase o dobro do tempo. No romance não parece haver tal irregularidade temporal entre os dois momentos da história de Serginho. Pelo contrário, o detalhamento da rotina do protagonista em sua cidade natal é um fator determinante para que o leitor compreenda sua existência quando longe de sua comunidade. O caráter mimético do romance, o seu “como se” fosse real, criado pelo escritor é atingido por uma amálgama de técnicas, tais como, o relato, o depoimento, as variações linguísticas. O diretor também adotou técnicas de transposições do livro para o filme que reforçam o tom de documentário que os depoimentos de Serginho constroem. Podemos citar o fato de contratarem atores profissionais, como Paulo Azevedo (Serginho) e Renata Ferráz (Sheila) com atores amadores, dos quais muitos são moradores de Cataguases, quando não pessoas “reais”, como o dono do hotel onde Serginho se hospedou e o dono restaurante onde trabalhou. O intuito dessa seleção, segundo José Barahona foi exatamente o de trazer “a vivência para o filme”. Efeito, sem dúvida, alcançado tanto pela narrativa romanesca quanto pela narrativa fílmica. Cada qual a seu modo trazem para o campo das artes questões contemporâneas: o desemprego, os conflitos pessoais, o sonho de uma vida melhor, os limites geográficos e financeiros; posto que o capital dita, acima da legislação, o direito de “ir e vir”.





"A luz fere meus olhos"

MINHA PRIMEIRA VEZ

DANIELE CRISTINA DA SILVA

Textos que haviam sido publicados em diversos suportes de comunicação, principalmente na revista angolana África 21 e na versão Brasil do jornal El país, revisitados e alterados por Luiz Ruffato, encontram-se reunidos no livro *Minha primeira vez*, publicado em 2014, pela editora Arquipélago. Os 45 textos classificados como crônicas, segundo o próprio escritor “por força de nomenclatura”, encontram-se dispostos por ordem alfabética. O forte cunho memorialístico presente nas crônicas revela um mundo perspectivado ora pelas pequenezas da infância, ora pela criticidade da vida adulta. Em tom jornalístico, humorístico ou histórico os fatos narrados lançam ao leitor questões caras, tais como: respeito, amizade, diálogo, morte, família, literatura, economia, política. Sob a visão crítica do autor, essas e outras questões tiram o leitor de qualquer situação de comodidade para lançá-lo a um mar de inquietações. Como livro de cabeceira, *Minha primeira vez* é uma boa companhia. A leitura de uma crônica por dia pode oferecer ao leitor um tempo razoável para digeri-las, além, é claro, de tomar fôlego para a inquietação provocada pelo texto seguinte.

“

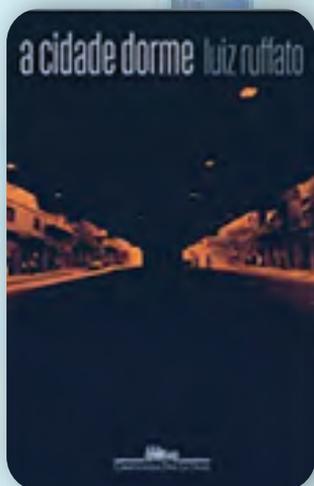
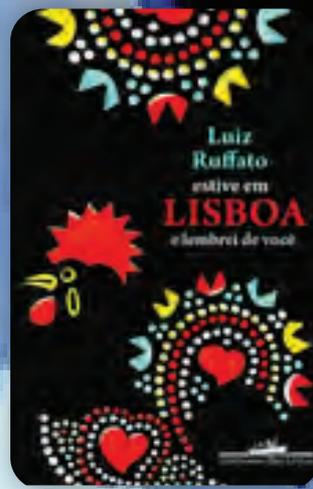
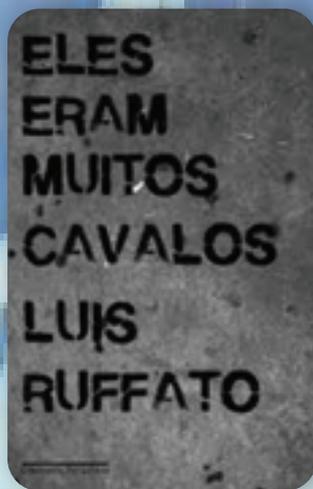
Temo as pessoas que carregam verdades como se fossem armas – prefiro não ter certezas absolutas, pois essas nascem, sempre, da ignorância”

“[...] Atormentado, eu me via caminhando, com as meninas e os meninos da minha idade, rumo às tecelagens, que roubariam o melhor da juventude, devolvendo-nos mulheres e homens amargos e infelizes. Eu percebi agora com nitidez a injustiça do mundo, dividido entre os que vão ser alguma coisa na vida e os que nunca serão nada, entre os que virarão avenidas e os que nem na lápide dos cemitérios terão seus nomes inscritos”.

“[...] Repassei então os vários rostos sem nome e nomes sem rostos daquele período, procurando identificá-los no caos do calendário da memória, que, por capricho, não obedece às regras do tempo sucessivo, mas armazena cenas e paisagens desconexas, reanimadas, em meu caso, principalmente por cheiros e ruídos. E mergulhei na areia movediça das lembranças”

Luiz Ruffato em Minha Primeira Vez

Algumas obras de Luiz Ruffato



Luiz Ruffato – Lançou, *Eles eram muitos cavalos* (2001), *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), *Flores artificiais* (2014), *De mim já nem se lembra* (2015), *Inferno provisório* (2016), *O verão tardio* (2019), todos romances; *As máscaras singulares* (poemas, 2002); *Minha primeira vez* (2014), crônicas; *A história verdadeira do Sapo Luiz* (2014), infantil; e *A cidade dorme* (2018, contos). Seus livros ganharam os prêmios Machado de Assis, APCA, Jabuti e Casa de las Américas e estão publicados na Argentina, Colômbia, Cuba, México, Estados Unidos, Portugal, França, Itália, Alemanha, Finlândia, Macedônia e Moçambique. Em 2016 recebeu o Prêmio Internacional Hermann Hesse, na Alemanha.

Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
ISSN: 2645-8072

Direção: Walnice Vilalva

Imagens: Enciclopédia Visual Wladimir Dias-Pino/Wladimir Dias-Pino

Criação/diagramação: Edson Santos

Equipe de revisão: Maria Madalena da Silva Dias

Samuel Lima da Silva